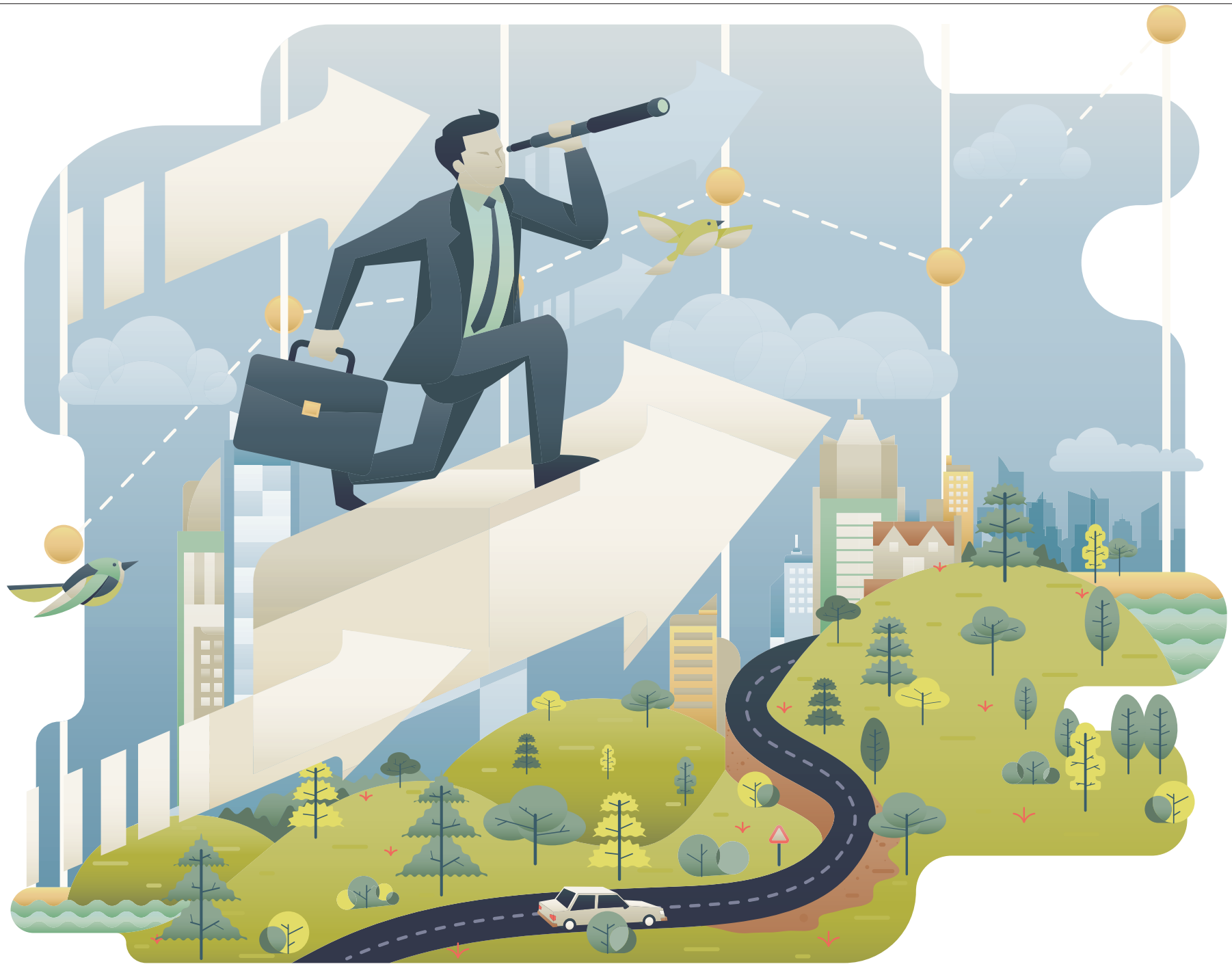
28.07.2023

**Diretor**
Filipe Alves
**Subdiretores**
Lígia Simões
e Nuno Vinha
**Diretor de Arte**
Mário Malhão

# Especial

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº 2208. Não pode ser vendido separadamente.



# Futuro do Trabalho

Muito vai mudar nos próximos 10 anos no mundo do trabalho, mas talvez menos do que, à partida, se possa imaginar. A automação estará cada vez mais presente, muitas tarefas rotineiras irão sendo substituídas e nascerão novas funções ligadas à inteligência artificial. A regulação é necessária e não pode correr atrás do prejuízo.

**Tendências do mundo do trabalho para 2033 põem 'work-life balance' em cima da mesa**

Antevisão ■ P.2-3

Mário Figueiredo.
## "Se a sociedade for consciente é possível que corra bem"

Professor catedrático do Instituto Superior Técnico e investigador proeminente na área de 'machine learning', diz-se expectante quanto ao futuro.

Entrevista ■ P.4-5

**Que mudanças podem ser esperadas no mercado de trabalho nos próximos 10 anos?**

Fórum ■ P.6-7

# O que nos reserva o mundo do trabalho daqui a dez anos

**Antevisão** ■ Tendências não se resumem à inteligência artificial e automação e aos empregos que vão nascer e desaparecer. No futuro haverá mais trabalho remoto, *work-life balance* e cuidado com a saúde mental. Comunicação, pensamento crítico, criatividade e colaboração serão *skills* indispensáveis.

STEPHEN LAM/REUTERS

**Almerinda Romeira**
aromeira@medianove.com

"Se a inteligência artificial (IA) seguir no rumo certo e aumentar a eficiência, estaremos a caminhar para uma libertação da carga de trabalho", afirma Gianluca Pereyra ao Jornal Económico. Tendo este pressuposto como ponto de partida, o CEO e cofundador da plataforma de *chatbot* inteligente Visor.ai traça um futuro promissor: "Isso, vai abrir espaço para o aparecimento de mais profissões e atividades que valorizem a interação humana, como organização de eventos, desporto, bem-estar e convívio social". Tudo somado, será, adianta," uma evolução que promoverá uma maior conexão entre as pessoas e aumentará a qualidade de vida".

Na visão do CEO e cofundador Visor.ai, o futuro será moldado pela capacidade de "cada pessoa aproveitar perspicazmente as ferramentas disponíveis" e pela curiosidade de todos "em aprender e incorporar cada vez mais essas novidades". A adaptabilidade e a criatividade serão valorizadas, criando "um ambiente de trabalho inclusivo e cheio de potencial".

A plataforma *web* da Visor.ai permite o desenvolvimento de agentes de conversação inteligente, com o nome *bot* incorporado: *chatbots*, *voicebots* e *emailbots*, 100% personalizáveis pelas próprias equipas de *contact center* e parceiros. Esta startup "implementa soluções que automatizam processos e interações repetitivas na comunicação interna e no serviço ao cliente com recurso a IA. Criada por Gianluca Pereyra, Bruno Matias e Gonçalo Consiglieri, em 2016, a Visor.ai quer ser a referência internacional em IA responsável aplicada aos *contact centers*. Entre os seus clientes estão o Millennium BCP e o Generali Contact Center.

"A verdade - diz Alexandra Andrade – country manager da Adecco Portugal ao JE - é que o processo de automação está a caminhar rapidamente. Não tem data de início ou de fim".

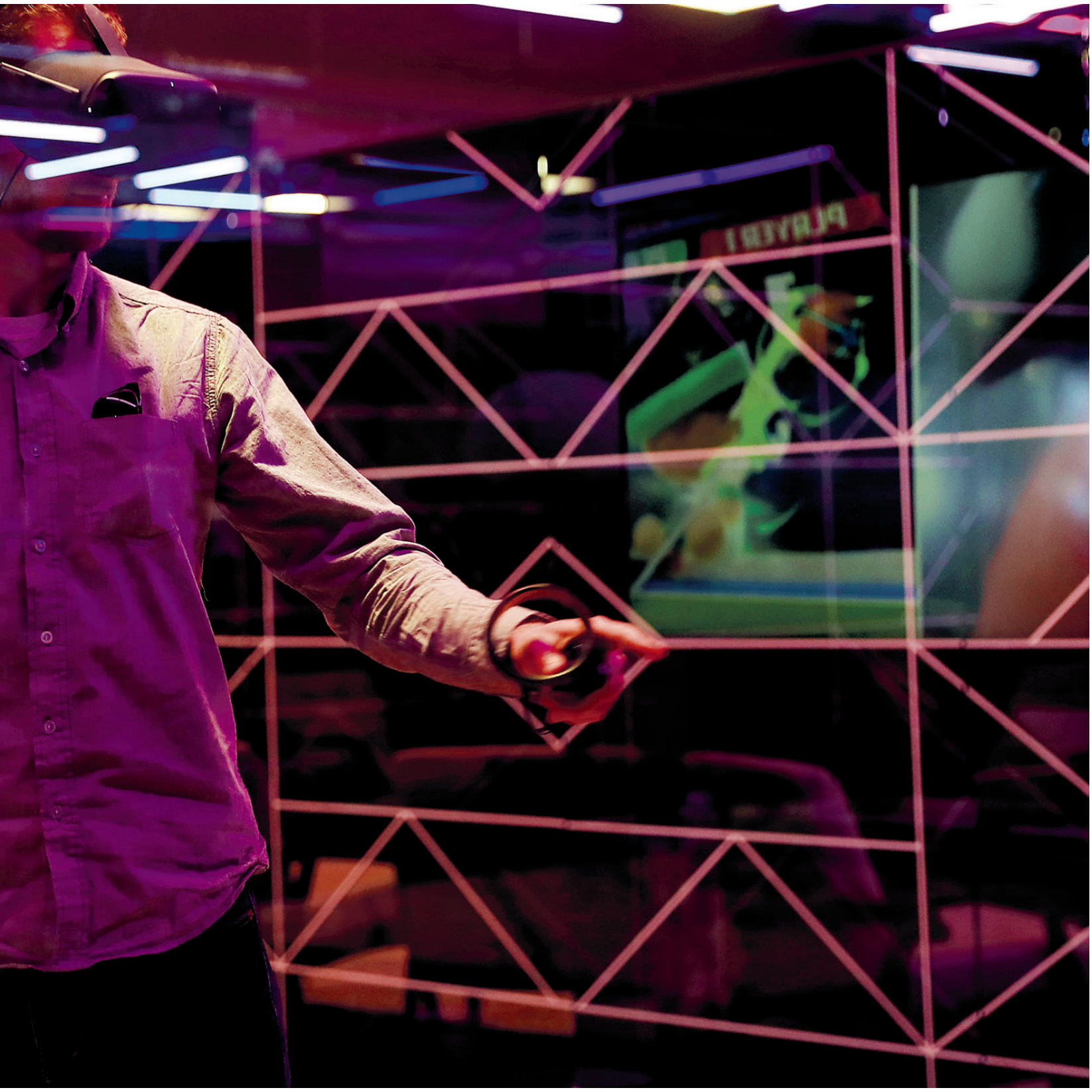
A líder desta conhecida empresa de recursos humanos considera "provável que, na próxima década, o local de trabalho, tal como o conhecemos, esteja bem diferente do atual". De igual modo, há "certamente funções que vão desaparecer, mas serão substituídas por outras diretamente ligadas à IA". O novo paradigma da formação ao longo da vida, vai exigir um *reskilling* e *upskilling* da força de trabalho de forma geral, adianta.

Alexandra Andrade esgrime um estudo da Universidade de Oxford que aponta para taxas de perda de emprego de até 47% nos próximos 25 anos em todos os países desenvolvidos e um outro do Pew Research Center, sobre o impacto da robótica e da IA numa variedade de indústrias, para concluir: "No entanto, há certas competências humanas que nunca serão substituídas por máquinas".

Segundo um estudo da McKinsey publicado recentemente, a utilização de ferramentas de automatização da IA generativa, como a mais famosa de todas, o ChatGPT, permite realizar tarefas que consomem cerca de 60% do tempo dos trabalhadores. Por outro lado - diz Lourenço Pinto Leite, consultor de Marketing & Vendas da Michael Page - a inteligência artificial irá dar origem a novas funções de traba-

**47%**

Segundo estudo da Universidade de Oxford, todos os países desenvolvidos registarão taxas de perda de emprego de até 47% nos próximos 25 anos



**Sete em cada 10 pessoas valoriza mais o 'work-life balance' e a saúde mental do que o sucesso na carreira, revela estudo da Michael Page, realizado junto de 70 mil pessoas no mundo, Portugal incluído**

lho totalmente dependentes da tecnologia.

A substituição de algumas tarefas realizadas por seres-humanos não é a única tendência que se desenha no horizonte. Além da IA, a Michael Page antevê mais três: trabalho remoto e flexibilidade; *work-life balance* e saúde mental; e novas *skills*. No campo das competências, Lourenço Pinto Leite enumera as mais valorizadas no futuro: comunicação, pensamento crítico, criatividade e colaboração, além, claro, das *skills* tecnológicas. "Segundo Yuval Noah Harari (pensador), serão estas as *skills* que deveríamos estar a ensinar nas escolas e nas empresas de hoje, se queremos ser bem-sucedidos no mercado de trabalho do futuro", explica.

Lourenço Pinto Leite refere quem depois da pandemia ter mostrado, a bem ou a mal, que o trabalho remoto e a flexibilidade eram soluções, o caminho tornou-se irreversível. "Veio provar às empresas que os seus colaboradores conseguem ser tão ou mais produtivos trabalhando a partir de casa ou de qualquer parte do mundo". Também fenómenos globais como os nómadas digitais ou a "economia *Gig*" mostram, segundo o consultor da Michael Page, que os trabalhadores procuram soluções de trabalho cada vez mais flexíveis e que estas estão "definitivamente para ficar durante as próximas décadas".

A Michael Page lançou, recentemente, um estudo junto de 70 mil pessoas no mundo, Portugal incluído, em que sete em cada 10 disseram valorizar mais o *work-life balance* e a saúde mental do que o sucesso na carreira. Se se vier a confirmar na realidade, também neste capítulo particular estaremos perante uma mudança de paradigma.

O Iscte – Instituto Universitário de Lisboa abriu em 2022 uma nova escola pensada para formar alunos para o futuro mundo do trabalho: o Iscte-Sintra é especializado em tecnologias digitais. "Todas as licenciaturas têm disciplinas de Projeto, que permitem planear e aplicar dimensões ligadas ao empreendedorismo e inovação, e de *Design Thinking*, muito valorizado pelas empresas tecnológicas", adianta Ricardo Paes Mamede, diretor do Iscte-Sintra, ao JE. No próximo ano letivo, todas as licenciaturas terão integrada a utilização de Inteligência Artificial no apoio ao trabalho académico. O objetivo é que os alunos aprendam a tirar partido dessa ferramenta para otimizar o seu trabalho, acautelando igualmente os seus problemas éticos".

O Instituto Politécnico da Guarda foi a segunda instituição de ensino superior do país – e a primeira na região Centro – a lançar uma licenciatura em Ciência de Dados e Inteligência Artificial. "Está a preparar profissionais para analisar e tratar dados em massa, para que consigam acompanhar as exigências que a evolução tecnológica tem trazido para o mercado do trabalho", adianta Joaquim Brigas, presidente do IPG, ao JE.

Já Raquel Matos, diretora da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, explica ao JE que na base da preparação de futuros profissionais deve estar, antes de mais, "uma formação de qualidade, assente em conhecimento científico rigoroso e atualizado". "Procuramos garantir o acesso dos estudantes à investigação científica desde cedo, integrando-os em equipas de investigação".

Práticas pedagógicas inovadoras, formação de competências transversais e oportunidades de internacionalização são outros trunfos que a Católica tem para o futuro.

**Entrevista Mário Figueiredo** ■ Professor catedrático do Instituto Superior Técnico e investigador proeminente na área de 'machine learning', diz-se expectante quanto ao futuro. Vê mudança a acontecer nos próximos dez anos, mas não um mundo do trabalho radicalmente diferente quando chegarmos a 2033. Defende que, do ponto de vista técnico, a regulação da chamada inteligência artificial é necessária e não pode correr atrás do prejuízo.

# "Se a sociedade for consciente é possível que corra bem"

**Almerinda Romeira**
aromeira@medianove.com

Professor catedrático no Instituto Superior Técnico e coordenador de área e líder de grupo no Instituto de Telecomunicações, Mário Figueiredo é uma das vozes mais conhecedoras e respeitadas em *machine learning*, processamento e análise de imagens e otimização em Portugal e lá fora. Em 2021 foi nomeado "Fellow" da European Association for Signal Processing (EURASIP).

**Numa pincelada, como antevê o mundo do trabalho em 2033?**
Na velocidade a que as coisas estão a desenvolver-se hoje em dia e com as incertezas que há em cima da mesa, é difícil fazer previsões, especialmente acerca do futuro. Pergunta-me como será daqui a 10 anos e tendo a ser um pouco conservador. Acho que o mundo do trabalho não vai ser radicalmente diferente daquilo que é hoje.

**Não?**
Estou a ver isto na perspetiva das tecnologias, não sou economista. A minha visão do mundo trabalho é a visão de uma pessoa que trabalha na área da inteligência artificial e como professor formo pessoas que trabalham nesta área.

**Olhemos para o que poderá ser ou não ser igual.**
Há trabalhos que podem ser automatizados, que têm já uma promessa de automatização, mas na maior parte deles continuará a haver ainda uma componente humana relativamente importante. Pode haver alguma alteração na natureza daquilo que é pedido às pessoas para interagir com essas tecnologias. Fala-se muito em *upskilling*, obviamente que é relevante e importante, mas eu gosto de falar em *reskilling*. Uma pessoa que trabalha num determinado assunto numa dada área, se forem adotadas novas tecnologias – "o elefante na sala" são os *large language models* e os ChatGPT –- vai ter que trabalhar com essas novas ferramentas. Continuará a trabalhar na área mas provavelmente de forma diferente.

**Quanto aos empregos?**
Obviamente, pode e vai haver perda de empregos. Uma pessoa quando apoiada por tecnologia trabalha muito mais depressa, portanto, são necessárias menos pessoas. Por outro lado, há trabalhos que vão tornar-se mais valiosos por serem feitos por pessoas. Falo por mim. Detesto ser atendido por *chatbots*, valorizo muitíssimo a interação humana e isso, nas próximas, direi, muitas décadas ainda, vai continuar a ser importante. Resumindo: há coisas que passarão a ser feitas de forma automática e outras não. Como os humanos são muito interessados em humanos, acho que vai haver alterações, mas não sou pessimista. Sou expectante, digamos assim.

**Pode ser uma oportunidade para fazer melhor em menos tempo, mas é preciso acautelar...**
Sim, sim. Tudo isto tem um pano de fundo de regulação e todo um aspeto político e de políticas que garantam que são assegurados os direitos das pessoas e que estas tecnologias funcionam de forma justa e equitativa. Há um potencial muito

grande em aspetos, como, por exemplo, a privacidade. É muito fácil ser intrusivo e isso estar envolto num conjunto de ferramentas que fazem tudo por capturar a atenção das pessoas o maior tempo possível. Há muitos aspetos complicados, mas acho que se tivermos cuidado e se a sociedade for consciente e estiver lúcida para os perigos e para as oportunidades, é possível que a coisa corra bem.

**A União Europeia foi no caminho certo em termos de regulação nesta questão da Inteligência Artificial (IA)?**
Do ponto de vista técnico, acho que é importante regular e que a União Europeia tem tido a postura de ser líder na regulação. Se está a ser feito na quantidade certa, com a intensidade certa, não sei, não quero opinar muito fortemente sobre isso, porque não tenho conhecimento legal. Uma coisa é verdade: o processo legislativo é muito lento, muito mais lento do que a evolução que temos visto nos últimos anos dentro da Inteligência Artificial. É muito importante olhar com cuidado para este "correr atrás do prejuízo", como dizemos em português.

**Estaremos a construir uma sociedade de bem-estar onde se trabalha menos horas e no que gostamos ou estaremos a construir um mundo com mais desigualdade e as tensões sociais a aumentar?**
É uma questão muito mais política do que técnica. Em rigor, não sei responder. Depende dos países. Em países que têm uma política cuidadosa de manter o bem-estar dos cidadãos, o equilíbrio e a coesão social e uma rede de segurança social para os mais desfavorecidos, é provável que o facto destas ferramentas permitirem, por exemplo, ganhos de produtividade, ou seja, mais riqueza para distribuir, que toda a gente possa viver melhor. Mas pode acontecer exatamente o contrário. Estas ferramentas também permitem criar muitas desigualdades, são extremamente poderosas, permitem negócios extremamente eficientes e tomar decisões em grande escala. No fundo, o que está por trás disto tudo é a economia.

> **Estas ferramentas também permitem criar muitas desigualdades, são muito poderosas (...) No fundo, o que está por detrás disto tudo é a economia**

**O negócio?**
Sim. Estas coisas não se desenvolvem por nada a não ser por objetivos comerciais, porque as empresas usam-nas para vender coisas. Quando digo 'vender coisas' é uma expressão muito genérica. As redes sociais vendem a atenção das pessoas para fazer publicidade. Por exemplo, o Google tem uma série de serviços para manter a pessoa no seu ecossistema, que é muito útil todos os dias, mas no fim o modelo de negócio é publicidade... no fim da cadeia há sempre clientes a comprar algo. Esse é sempre o objetivo.

**Como é que Portugal está neste campo da inteligência artificial, nomeadamente as nossas universidades?**
No Instituto Superior Técnico várias pessoas trabalham neste assunto, no panorama nacional também e temos pessoas boas. Mas em termos de país estamos mais ou menos como em muitas outras áreas: em média, relativamente atrás da média da União Europeia, mas com alguns pontos de excelência.
Há, no entanto, um aspeto em que Portugal está relativamente bem. O panorama das start-ups tecnológicas baseadas nestas tecnologias é bastante ativo e bastante rico. Há empresas que são líderes mundiais na área em que trabalham, como a Unbabel, a Feedzai, a Outsystems. Existe muito talento em Portugal e o país tem conseguido aproveitar o facto de ter talento e de ter uma formação universitária nestas áreas de muita qualidade.

PUBLICIDADE

# Futuro do mercado de trabalho? "Flexível" e "colaborativo"

**Fórum** ■ As empresas vão enfrentar desafios como flexibilizar mais as condições de trabalho e requalificar os trabalhadores, dotando-os de competências para um mundo mais automatizado. Por Almerinda Romeira e Tomás Gonçalves Pereira

## 1. As empresas estão num processo de adaptação às novas tecnologias. Que mudanças podem ser esperadas no mercado de trabalho nos próximos 10 anos?

**Cláudia Ribeiro da Silva**
Administradora
da Bosch Portugal

■ Na Bosch acreditamos que o futuro do mercado de trabalho continuará a passar por modelos flexíveis, pela mobilidade e pela fluidez. É nesse sentido que adotámos a prática do *Smart Work* que consiste na flexibilização do modelo de trabalho, e permite às equipas decidirem se trabalham em formato híbrido, presencial ou remoto e que façam a gestão do seu próprio horário, promovendo assim uma maior autonomia e incentivando o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Em paralelo, acreditamos que é fundamental criar momentos em que as pessoas vêm ao escritório, não só para promoção da convivência e do trabalho de equipa, como é também de extrema importância para a passagem do conhecimento e para que não se perca a cultura da empresa.
Para além disso, sabemos que hoje as empresas têm de lidar com o desafio da atração e retenção de talento em que são os candidatos a escolher a empresa e não os recrutadores a fazê-lo. Esta mudança de paradigma exige novas estratégias que não passam apenas pelo fator remuneração, que embora continue a ser crítico, tem de fazer parte de um conjunto de outras propostas de benefícios que incluem, por exemplo, formação contínua, oportunidades ao longo das várias etapas da vida profissional, a flexibilidade em termos de gestão de tempo, uma liderança positiva, autonomia nas tarefas e um "porquê".
Estamos numa fase de reajustamento, entre a flexibilidade e a importância da ida ao escritório como forma de fomentar a partilha e convivência entre as pessoas, que tem também um papel essencial na saúde mental e no bem-estar. Estamos convictos que o futuro passa pela conjugação destas duas realidades, que devem ser sustentadas por estratégias e políticas de *employer branding* que promovam a cultura, a visão e a identidade da empresa junto dos seus colaboradores.

**Rodrigo Maia Prinzo**
Head of People
Ops na InnoTech

■ Querer saber o que nos aguarda no futuro faz parte da natureza humana. No âmbito profissional não é diferente. Ao longo dos últimos anos foram-nos questionando, aqui e ali, "onde é que se vê daqui a X anos?", e foi-nos ensinado que deveríamos saber como e o que responder, se quiséssemos construir um percurso de sucesso. A verdade é que, não no futuro, mas já no presente, esta premissa perdeu relevância.
Desde a Revolução Industrial temos assistidos a diversos acontecimentos, tanto em Portugal como à escala mundial, que marcaram fortemente o mercado de trabalho – mudanças para e nas empresas, trabalhadores, direitos e deveres. Os mais recentes foram a pandemia Covid-19, a guerra na Europa e, notoriamente, a viragem para um mundo mais tecnológico e sustentável.
Na segunda metade do séc. XX, com o desenvolvimento dos computadores e a criação das primeiras "máquinas robôs", a narrativa de que a tecnologia viria substituir a mão de obra humana começou a ganhar espaço. Hoje, com a tecnologia presente do setor primário ao terciário, já sabemos que os empregos não vão deixar de existir, as atividades profissionais é que serão adaptadas. Este importante complemento vem agilizar e fazer repensar os empregos existentes, ao invés de os simplesmente substituir. Na próxima década cada vez mais tarefas serão entregues às máquinas, dando a oportunidade aos colaboradores de se concentrarem em tarefas de maior complexidade.
A democratização da tecnologia, levando a uma utilização generalizada pela população e, por sinal, pela população empregada, e o elevado número de dados que permitem tomadas de decisão mais robustas, também trazem necessidades: o pensamento crítico, bem como analítico, a criatividade e aprendizagem ativa, são competências e comportamentos fundamentais para os profissionais deste futuro.
Do lado das empresas, a aposta na educação corporativa será um investimento indispensável. Como complemento à formação que cada profissional realizou por sua iniciativa, a organização, face ao seu setor de atividade e especialização, deverá ter como prioridade a obtenção, manutenção e disseminação do conhecimento entre os seus profissionais.

**Vasco Leitão**
Lead IT Manager
na Kelly Portugal

■ As empresas encontram-se hoje num processo acelerado e contínuo de adaptação para se manterem competitivas.
Com a massificação da inteligência artificial (IA) e a capacidade de integração destas ferramentas nos sistemas das empresas, certos trabalhos que hoje são feitos por pessoas, serão aos poucos substituídos por avatares 100% digitais, possibilitando a total integração entre os assistentes pessoais dos nossos *smartphones* com e estes sistemas IA. A inteligência artificial aos poucos vai assumir funções cognitivas cada vez mais complexas.
A colaboração entre humanos e máquinas será mais comum. A pessoas precisarão de aprender a trabalhar em conjunto com os sistemas avançados de IA e os robôs, de forma a complementar as suas habilidades.
Outras profissões terão como estes assistentes como parceiros, usando a inteligência artificial de forma a melhorarem os seus diagnósticos, análises e ações. Assim, ganha-se uma maior precisão e velocidade, sobrando, desta forma, espaço para dar enfâse às habilidades sociais e humanas (tais como a empatia, a criatividade, a inteligência emocional e a liderança) – aspetos que ganharão destaque, já que são difíceis de serem simuladas por máquinas.
Uma outra grande mudança será a desmaterialização do local de trabalho. Com a redução do papel e do correio físico nas empresas, muito do trabalho acaba por poder ser feito em qualquer sítio.
Resumindo, o mercado de trabalho dos próximos 10 anos apresentar-se-á com um cenário dinâmico e desafiador. Aqueles que estiverem dispostos a adaptar-se e a investir em *skills* mais humanas e sociais estarão melhor posicionados para aproveitar as oportunidades geradas pelas novas tecnologias.

**Filipa Gamanho Esteves**
Diretora de Recursos Humanos
da Capgemini

■ Nos últimos anos, a tecnologia tem potenciado uma autêntica (r)evolução do conhecimento, dos comportamentos e dos hábitos a nível global, com sinais evidentes nas diferentes realidades culturais e corporativas.
No mercado de trabalho, assistimos a uma crescente capacidade e agilidade na aprendizagem e desenvolvimento, permitindo aprender sob o princípio *anytime, anywhere* pelo acesso facilitado a mais conhecimento de forma exponencial e digital.
Este diferenciador, de desenvolvimento e descoberta, contribui para acelerar novos processos e benefícios na qualidade de vida

das equipas, quer através da eficiência do seu trabalho. quer no bem-estar, com a complementaridade e a colaboração entre os contributos (colaboradores e empresa, indivíduos e sociedade, comunidades e País) a constituírem uma mais-valia basilar.
O desafio, nos próximos anos, irá residir na adoção equilibrada destas descobertas e mudanças, garantindo uma crescente prioridade do ser humano na e para a tecnologia, a colaboração e a construção conjunta de soluções, como base de novas formas de trabalho, bem como a adoção da sustentabilidade – social, ambiental e na gestão, como componente chave nos planos de negócio das organizações. Citando Peter Drucker: "a melhor maneira de prever o futuro é criá-lo," e a relevância neste mundo evolucionário será sempre proporcional à nossa capacidade de adaptação às novas criações e de termos um papel ativo nas mesmas.

**José Campos**
Co-CEO
do Tangível Group

■ Os próximos 10 anos serão caracterizados por mudanças radicais no mercado de trabalho. Destacaria o impacto da introdução da Inteligência Artificial (IA), sobretudo em áreas que dependem, em maior ou menor grau, do suporte digital: desenvolvimento de software, design, jornalismo, telecomunicações, sector financeiro, ensino e investigação, etc. Mesmo sectores aparentemente mais blindados a estas mudanças vão sentir o impacto: administração pública, advocacia, consultoria, saúde, contabilidade, etc.
Os profissionais terão de adquirir novas competências (saberem tirar partido das novas ferramentas de IA) para não serem ultrapassados por uma geração mais jovem e para quem Inteligência Artificial será, por ironia, mais natural.
A introdução da IA no contexto do trabalho representa uma oportunidade excecional para empresas de *Human-Centered Design*. Estas empresas sabem como adaptar tecnologia e processos internos às pessoas que compõem a força produtiva. Fazem-no através da redução da curva de aprendizagem, do impacto e frequência do 'erro humano' e focado no aumento da produtividade individual. As empresas terão de enfrentar novos desafios como requalificar os seus colaboradores (incluindo as lideranças), evitar a perda de produtividade, flexibilizar mais as condições de trabalho e encarar novos dilemas éticos e de conduta.

**Rui Teixeira**
Country Manager
do ManpowerGroup

■ O ManpowerGroup previu a Human Age há mais de uma década, quando identificámos que o capital humano se tornaria um grande diferenciador e motor de crescimento económico. O que
acreditávamos então, e aconteceu, é que a tecnologia pode e está a aumentar as capacidades humanas, em vez de as substituir. À medida que a tecnologia evolui e nos oferece mais potencial de criação de valor, entramos numa Nova Human Age – uma época em que a tecnologia e as ferramentas digitais melhoram as ligações humanas, aumentam a produtividade e nos permitem viver vidas mais significativas.
No futuro, a tecnologia será um capacitador de locais de trabalho focados no talento e na sua prosperidade, ao mesmo tempo que as soft skills se tornam ainda mais críticas. À medida que a IA e a automação forem dando resposta a muitas das tarefas que realizamos hoje, competências
como a curiosidade, a criatividade ou a empatia serão o grande diferenciador na criação de valor.
Por outro lado, a velocidade da evolução tecnológica irá continuar a provocar uma elevada escassez de talento. Não só porque a inovação está a acelerar os ciclos de renovação de competências, mas também porque a procura por talento especializado irá aumentar à medida
que a tecnologia se torna indispensável à atuação da maioria das empresas. Mais do que apostar unicamente na atração de talento externo, as empresas vão precisar de procurar formas criativas para preencher posições, e investir na construção de competências digitais, mediante o upskill e reskill dos seus trabalhadores.
No futuro as empresas deverão atrair, fidelizar, criar e desenvolver as próximas gerações de talento. E porque estas novas gerações vêm a carreira apenas como uma das dimensões de uma vida enriquecedora e gratificante, a tecnologia deverá potenciar uma maior flexibilidade e autonomia e equilíbrio, bem como locais de trabalho mais humanos assentes na colaboração e na confiança.

PUBLICIDADE

19,75
em 20
Taxa média de licenciados pelo ISEG empregados na sua área de formação até 6 meses após a conclusão do curso.

Média de licenciados com emprego no final do curso

Ninguém tem os números do ISEG

Diz quem sabe que os licenciados do ISEG são procurados pelos melhores empregadores, no sector privado como no público, em Portugal como no mundo. E bom, quem sabe, sabe: das 4 licenciaturas, duas têm taxas de empregabilidade média de 97,5%, e as outras 2 de 100%.

Lisbon School of Economics & Management
Universidade de Lisboa
Open Minds. Grab the Future.

EJM APRESENTA:

"INSPIRAR PARA LIDERANÇA"

Café com o CEO

CONVIDADO

# Manuel Homem

**Governador Província de Luanda**

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

Governador
Governo da Província de Luanda

Ministro
Telecomunicações , Tecnologias de Informação e Comunicação Social

Secretário de Estado
Tecnologias de Informação

**04** AGO **2023**

INÍCIO **18H**

GERAL@CAFECOMCEO.COM

RESERVAS LIMITADAS

FOCUS Workplace Solutions

EDIFÍCIO MILLENNIUM, PISO 5
AVENIDA LENINE, Nº 123
CRUZAMENTO COM A RUA JOAQUI CAPANGO
INGOMBOTA - LUANDA

O Jornal Económico · DELTA · TEIXEIRA DUARTE ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES, S.A. · GOSPELTV

LinkedIn · +244 944 161 557